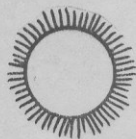


Geórgia  
8/12



Universidade Federal de Santa Catarina

A Cooperatiwa Coelabore-Uma saída para a crise.  
Grande reportagem

Gérson Polo Medeiros Gonçalves

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Comunicação e Expressão  
Departamento de Comunicação  
Curso de Comunicação Social-Jornalismo

AACooperativa Coolabore-Uma saída para a crise.  
Grande reportagem

Autor: Gérson Polo Medeiros Gonçalves  
Orientadora: Aglair Maria Bernardo  
Disciplina: Projetos Experimentais.

Florianópolis, dezembro de 1987

Eu faço parte do grupo..

EU faço parte do grupo...  
querendo ou não EU danço  
quando eles sacodem,  
querendo ou não EU esmoreço,  
tremo, choro e partilho  
de todo sentimento esparsos,  
por toda perda,  
por toda expressão dita ou pretendida  
nos tambores das vozes do grupo.  
Espasmo e adoeço pela amputação e morte  
que os dilacera.  
Quando aquieto  
e me escondo num quarto escuro,  
onde acendo uma fogueira,  
eu os exorciso.  
ASSIM eu MORRO COMO UM BRAVO...  
Mentira...  
Mentira...  
Mentira...

Gerson Polo Medeiros Gonçalves

## A Contra-Cultura -- O sonho possível

Ninguém sabe ao certo quem acendeu o pavio, mas seja lá quem for, fez muita gente sonhar com um mundo diferente e por algum tempo questionar o sentido de estar confortavelmente sentado diante de uma realidade cheia de contradições, guerras e fome. O cenário logo seria o mundo, mas tudo teve início nos EUA no final da década de 50. Nessa época surgia o rock e com ele crescia o inconformismo juvenil. Elvis Presley balançava os quadris num primeiro ato de atentado ao pudor e moral provinciana, enquanto James Dean em menos de três filmes se consagrava como ídolo e símbolo de toda rebeldia daqueles anos. Viviam-se o auge da guerra fria, da perseguição a comunistas, e a perspectiva de um holocausto nuclear era antes próxima realidade do que um singular ou estranho pesadelo. Era preciso dizer que a sociedade gerava a injustiça e estava caduca. Era preciso tentar mudá-la para melhor.

Em meio a essa efervescência política surge em São Francisco na Califórnia-EUA o movimento Beatnik. Cabeludos, e vestindo jaquetas de couro pretas, eles representaram os primeiros sinais de contestação jovem e desobediência civil espontaneamente organizada, que logo se espalhou pelo país. Filhos primogênitos de pensadores existencialistas como Sartre e Camus, foram os primeiros a buscar nas drogas e no orientalismo uma saída da mesmice e ampliação da consciência individual e coletiva. Neuróticos por auto-batismo acabaram abrindo caminho para o surgimento dos hippies nos anos 60.

Nessa década, os EUA em nome da democracia, sacrificava 200 mil jovens na guerra do Vietnã. O conflito armado no sul da Ásia aguçou ansiedades e revoltou ainda mais a jovem opinião pública americana. Imagens dos campos de batalha via-tv mostravam uma violência vinda do lado errado. Soldados americanos, no vídeo de centenas e centenas de lares da América, mostravam-se ainda mais atroz que a ameaça comunista no Oriente. Isso levou a um protesto surrealista em 1967 na cidade de Washington. Milhares de jovens ao lado de nomes de peso da literatura como Norman Mailer e o poeta beat Allen Ginsberg, reuniram-se em frente ao Pentágono com o intuito de elevá-lo no ar com a força mental coletiva. Mesmo sem conseguirem, o verbo "contestar" em nome de uma ilimitada liberdade e de um mundo melhor, ganhava simpatia entre a juventude. Nasciam assim os hippies, que negando os valores que lhes dariam as comodidades do sistema mas que forçaria uma cumplicidade com a violência, viviam o sonho dourado. Sem os mesmos ideais de seus pais eles olhavam com desdém para o sonho americano.

Amparados não só pela mudança de comportamento de toda uma geração, eles encontravam em ídolos do rock, a benção musical que oxigenava as aspirações de liberdade. Bob Dylan, Janes Joplin e Jimi Hendrix dedilhavam o rock indecoroso e sem culpa que embalavam todos os sonhos; sem medida, sem censura. O importante era o aqui e o agora. A floração era do todo possível e a estação era de um eternoverão. Com tempo favorável os hippies se multiplicavam. Coloridos e irresponsáveis, enchiam as ruas das grandes cidades americanas. Sem grandes ambições materiais, representavam uma afronta / não só ao gigante capitalista mas também a igreja e instituições / que advogam para si o direito de conduzir cada indivíduo. Para um / hippies entretanto, toda ordem deveria ser invertida, já que o homem era a única justificativa para a existência da sociedade e tudo deveria ser permitido. Bastava-lhe paz e amor e a ausência de / qualquer proibição. Bastava-lhe o amor livre, as viagens com as / drogas e a ampliação da consciência. Queriam assim um mundo melhor. Queriam uma alternativa para um estilo de vida fundamentado na moral puritana, na contabilidade de lucro e na exportação de hamburger. Sonhavam com uma sociedade onde não houvesse a competição, as injustiças, a fome e a guerra.

Gradativamente o movimento era exportado para o resto do / planeta. Na Inglaterra em 1962 surgem os Beatles, que apesar de um início bem comportado tornaram-se os mecenas do novo comportamento e porta-vozes de uma irônica contestação. Ídolos e venerados pelos hippies eles simbolizavam a rendição européia, a idéia de mudança e transformação da sociedade. Musicalmente transformaram-se no maior fenômeno já visto, conquistando a popularidade que jamais um grupo de rock havia alcançado. Um sucesso que levou o líder John Lennon a dizer que eram eles mais populares que Jesus Cristo. Polêmicas a parte, o grupo acolheu os sonhos do movimento hippie e da rebelde / e colorida juventude da América. Com eles o culto ao orientalismo / ganhavam força e indicavam um caminho. Isso graças ao guitarrista / do grupo George Harrison que entra em contato com Bhagwan Shree Rajneesh, filósofo e religioso indiano. O fato chama atenção para o Oriente e enche de curiosidade toda uma juventude sedenta de res- / postas. Paralelamente os Rolling Stones faziam a fama, e nas suas / próprias músicas lamentam o marasmo na Europa, invejando as inquietantes manifestações no outro lado do mundo.

Confirmando isso, em 1969 acontecem dois grandes festivais de rock na alternativa e operária cidade de San Francisco. Transformado em filme, Woodstock reuniu centenas de milhares de jovens e foi marca do pela tranquilidade. Nas palavras de um jornalista americano, Woodstock foi a tentativa de aterrisar o homem na terra. O mesmo não se pode dizer de Altamont, festival realizado no mesmo ano e há poucos quilômetros da mesma cidade. Ali compareceram cerca de trezentas mil pessoas e apesar do exemplo do primeiro festival, houve violência generalizada, abuso de drogas, álcool e a morte de quatro jovens. O sonho / parecia ter limites. Em menos de um ano viveu-se o apogeu de uma época e o entardecer de um tempo.

Ainda assim San Francisco continuava a meca do movimento hippie, exportando as saídas alternativas para um mundo em crise. Cidade única do planeta, San Francisco acolheu todas as virtudes e defeitos / desse tempo. Nela o movimento sindical e operário eram os mais fortes e participantes da América. Ali surgiram as primeiras e pioneiras sociedades espiritualistas dos EUA. Dali resurgem as comunidades rurais e cooperativistas. Também proliferaram os centros e academias de ioga e artes marciais, assim como restaurantes vegetarianos, macrobióticos e naturalistas. A própria ordem médica tradicional estava sendo invertida pela inclusão da homeopatia, da acupuntura e de práticas orientais. Esse orientalismo se justificava na idéia de que somente dessa maneira seria possível voltar ao extase provocado pelas drogas. A possibilidade de estar trazendo o homem para uma vida alternativa onde os venenos da sociedade industrial não o atingissem, entretanto era o melhor argumento. O homem deveria ser o centro de tudo. O Oriente oferecia a idéia e a geração hippie o vestia.

Mas essa volta para o outro lado do mundo não se limitou a esses jovens rebeldes recoloridos. Mesmo a psicologia tradicional surpreendida pela eficiência e bem estar que alguns minutos de ioga ou meditação provocavam nas pessoas, passou a recorrer as mesmas armas. Foi assim que o Ocidente descobriu o psicodrama, a bioenergía, as práticas reichianas e a moderna psicologia transpessoal. As respostas talvez não estavam na técnica e sim nas coisas simples. "O homem dava mil voltas e mandava três jovens a lua mas negava-se a juntar as trouxas para uma viagem por si mesmo", dizia um poema beat que ilustrava o sentimento dessa geração.

Batizada como a "festiva Esquerda", ela mudou os valores, recrutou e ainda cativa a opinião pública mundial. Quem não se renderia ao ato de um hippie que oferecia uma flor a um soldado pronto para expulsá-lo ou prendê-lo? Poucos ao certo. Quem não viu justiça e não admi

rou Che Guevara ou não torceu secretamente por Fidel Castro? Quem ainda não sonhou com uma revolução que mudasse tudo e instaurasse a paz e o amor? Bem poucos... Celebrar a vida é o ato mais sublime que nos cabe. Celebrá-la, vivendo, é o melhor caminho. Se assim quiseram os hippies e milhares de jovens, o sonho ainda não acabou. Se John Lennon / falou, certamente se referia àquele tempo. Hoje, naturalmente estamos na reta final e qualquer descuido poderá sacrificar nossas futuras e sonhadas gerações.

### O Brasil naqueles anos...

No Brasil toda rebeldia criada pelo movimento hippie, foi bra sileiramente traduzida pela Tropicália. Caetano Veloso no leme tropica lista, horrorizava tanto a esquerda quanto a direita cantando a diluição dos valores e a total irresponsabilidade. Geraldo Vandré era marginalizado e exorcisado pelo governo militar pela autoria de "Caminhandô enquanto nos bastidores do poder, a ditadura sem muita distinção enca minhava os "inimigos da pátria", para além mar, para além desta vida. Es távamos na fase do "Ame-o ou deixe-o". Como exemplo Gilberto Gil e Caetano Veloso eram exilados em Londres e pouco depois a glória de um país era reduzida a conquista de um tri-campeonato mundial de futebol. Mé dici era o grande mandatário comandando uma das piores ditaduras que o brasileiro já conheceu.

Mesmo assim houve espaço para a discussão dos problemas do cotidiano. A sexualidade, o corpo, o desejo, o marxismo, o ecologismo e práticas alternativas de vida podiam ser discutidos sem os preconceitos da direita ou da esquerda. Paralelamente a isso eram questionadas as posições da oposição política e dos movimentos ditos de vanguarda. Para agravar e diminuir a já minguada brecha de liberdade, em 1970 é / criado o AI-5. Filho abortivo de uma constituição saturada de intervenções, serviu como uma luva e justificativa para a total repressão política. Para muitos a partir daí o país viveu a sua idade das trevas, a sua idade média. Um tempo de sombras, onde a paranóia tomou conta de quase todos. Como uma luva também, o movimento hippie representava uma saída saudável e insubstituível do obscurantismo político e da falta / de liberdade. Uma saída honrosa, contestadora e principalmente partidária e politicamente descomprometida...

### Viver o sonho numa ilha...

Na Florianópolis dos anos 70, os sonhos ainda frescos da Contra Cultura faziam a cabeça de muita gente. A cidade embora culturalmente / provinciana concentrava as mais diversas tendências políticas. Isso gra



ças a existência de uma universidade e de uma beleza geográfica natural que estimula o turismo . Com vocação turística e a implantação da UFSC a cidade aos poucos foi ganhando novos moradores.Com isso foi inevitável que idéias como marxismo, anarquismo, vida comunitária e cooperativismo ganhassem peso e simpatizantes. A idéia de formar uma cooperativa naturalista nasceu nesta época e até 1982 foi apenas um dos muitos sonhos impossíveis ressuscitados pela Contra-Cultura. Como em Florianópolis ainda se formavam timidamente os primeiros grupos que comungavam as virtudes do vegetarianismo , do modo de vida orientalizado e da negação de muitos dos valores tradicionais, a idéia de criação de uma cooperativa era apenas uma possibilidade. Uma possibilidade fora do tempo presente . Além daqueles dias e num tempo vindouro.

Em 1981 com a chegada da primeira loja de produtos naturais da cidade , o Dool, aqueles que eram aficionados tiveram que se submeter aos altos preços da única casa especializada da ilha. O "grupo do natural" tinha então duas alternativas. Ou compravam o mínimo, ou buscavam mercadoria em Curitiba, São Paulo ou Porto Alegre. Como a presença de um monopólio como o Dool contrariava muitos dos valores resgatados pelos movimentos alternativos da época , a sua existência deveria ser limitada com alguma iniciativa. Na verdade ser naturalista não se limitava a compra e consumo de comida natural. Ser naturalista seria olhar de maneira menos competitiva para todos e ver em cada indivíduo um aliado. Ser naturalista seria criar novas formas de se relacionar com o mundo e admitir para si mesmo que juntos poderia-se mudar muita coisa. Para tanto era necessário um canal. Um escoamento natural onde idéias como essas pudessem vingar e florescer. A cooperativa seria um dos vários caminhos, mas até aquele momento era apenas uma encantada e fértil possibilidade que não saía da perspectiva idealista e não vencia a barreira do imobilismo.

#### Nasce a cooperativa...

A implantação do Dool acabou sendo a mola propulsora para a criação da cooperativa . Entre os vários idealistas do projeto somente oito pessoas se dispuseram a juntar forças para iniciá-lo. Mas nada seria possível sem a presença de Eli Lino de Jesus , na época estudante de Agronomia da UFSC e um dos maiores entusiastas da idéia. Além disso ele possuía um razoável conhecimento prático e teórico tirados de experiências semelhantes. Sem esse paulista de 26 anos , certamente a história da cooperativa não poderia ser contada. Com ele estavam também , Luís César Caldeira , 28 anos , natural de Itajaí , formado em Odontologia , logueiro, e naturalista, Jarbas Prudêncio, 20 anos , estudante de Agronomia na UFSC, Sueli Aires , natural de Porto Alegre , também

estudante de Agronomia , Raquel Maria Mero, 25 anos, natural de Caxias do Sul RS, estudante de Direito na UFSC, Aquila Klipel, 37 anos , natural de Porto Alegre , comerciário, Antonio Bonamoni Neto, 28 anos, natural de Itajaí formado em Economia pela UFSC, naturalista e numerologista e Sérgio Becker, naturalista como os outros e empresário local. Através de reuniões periódicas conceberam as primeiras idéias, planos, possibilidades e impossibilidades. O ano era de 1982 e até ali nenhuma iniciativa em prol do projeto foi tomada. A tão sonhada cooperativa não passava de um amontoado de rascunhos ; uma pequena semente que só o / tempo poderia fazer germinar.

Teoricamente a vontade comum a todos era abrir inicialmente um empório de vendas que oferecesse alimentos cultivados sem pesticidas e produtos integrais como o arroz e o trigo. O espaço serviria gradativamente como gerador de cultura já que todos os envolvidos no projeto tinham um currículo de vivências e conhecimentos variados. Alguns eram astrólogos , outros cozinheiros vegetarianos, professores de ioga e agrônomos. Os preços dos alimentos seriam subsidiados pelo trabalho conjunto de cada associado e uma taxa paga por cada um. Todo lucro reverteria para a aquisição de novas mercadorias e melhorias da futura associação.

Numa perspectiva mais otimista esperavam contatar com alguns agricultores, comprando diretamente deles em troca de assistência técnica , o que diminuiria os custos. Em síntese, a cooperativa através de seus associados-agrônomo daria informação e orientação ao produtor na hora do plantio e da colheita em troca da prioridade de compra da produção. Decerto que toda orientação pregaria o uso de adubos orgânicos e o bom senso na utilização dos recursos naturais. Eliminando assim o intermediário, o círculo inflacionário estaria reduzido ou parcialmente eliminado. Mais adiante pensavam em criar um espaço alternativo de cultura , alternando entre a promoção de cursos de arte e debates sobre temas atuais. Os primeiros beneficiados seriam os sócios e a longo prazo a cooperativa seria enfim da comunidade. Tratava-se de um grande projeto em conta-gotas...

#### A primeira reunião...

A primeira reunião oficiosa aconteceu em outubro de 1982 , no Centro de Cultura Yan-Ja na Trindade. Nessa reunião os oito já definidos sócios decidiram sobre as regras e normas que norteariam as futuras relações entre os cooperativados. Por unanimidade ficou decidido / que não haveria remuneração a nenhuma pessoa que voluntariamente quisesse trabalhar. Apenas o presidente ou gerente teria um pequeno sala

rio , devido a sua responsabilidade. De resto , todo trabalho seria voluntário .No que diz respeito a alimentação, ficou decidido que todo produto adquirido deveria ser integral e livre de agrotóxicos se possível. Cada sócio pagaria uma taxa que lhe daria o direito de comprar a um preço subsidiado, e portanto, barato. Nessa reunião ficou definido um estatuto que regularia todas as atividades dentro do empório. Uma / espécie de constituição cooperativista. A oficialização jurídica foi deixada para outra ocasião visto que as necessidades naquele momento eram estruturar fisicamente a cooperativa . Mesmo sem isso ela foi / batizada de Associação Coolabore -Cooperativa de Consumo.

### Uma cooperativa no porão

Em março de 1983 foram abertas as inscrições para a inclusão de novos sócios, Em abril, a cooperativa passou a funcionar no porão do restaurante Vida, recém inaugurado na cidade. O proprietário além de estar no mesmo ramo, restaurante naturalista-vegetariano, era simpatizante do projeto e cedeu o porão em troca de uma pequena taxa de aluguel e o pagamento da luz. Com o montante do dinheiro das taxas, foram compradas as primeiras mercadorias: arroz e trigo integral, ma carrão, feijão, aveia, alguns tipos de chás e ervas medicinais. Mas nem tudo funcionava como deveria, O porão, além de úmido, tinha ratos que também apreciavam a qualidade dos alimentos ali guardados, e o / próprio acesso ao local era dificultado pelo pequeno espaço. Apesar das dificuldades, houve aumento do número de sócios. O corpo de associados passou para vinte pessoas e o interesse pela associação era cada vez maior. Haviam passado sete meses desde a primeira reunião e naquele momento os oito idealistas de cooperativa já não estavam mais sozinhos.

Em junho foi feito contato com um produtor na cidade de / Schoereder, próximo a Joinville, que acabou aceitando a proposta de vender parte de sua produção para a cooperativa. " Fizemos um contrato com ele. Para isso compramos uma secadora, pois iríamos secar toda a sua produção de arroz em troca de prioridade de compra ", diz Jarbas. A experiência virou uma grande frustração, visto que nenhum dos / sócios mobilizou esforços para manter o contrato. Não havia nenhum / veículo para buscar o arroz, nem disposição e vontade para ir buscar a secadora em Jaraguá do Sul. O produtor por fim vendeu todo o arroz para uma indústria de produtos naturais e a secadora, ao que se sabe, apodreceu sem nunca ter chegado a Florianópolis. " Tudo aconteceu por pura negligência e poderia ter sido outra a história, se /

não houvesse desinteresse da diretoria e alguns desentendimentos", esclarece Suela. Frustração à parte, o projeto não poderia morrer por um tropeço. A luta estava no começo e nada seria pior que o desestímulo e o desinteresse.

Em julho, funcionando precariamente ainda num porão e abrindo todas as quartas-feiras, o empório ganhava corpo e vários associados. Mas pouca coisa funcionava como mandava o ideal cooperativista. O trabalho que deveria ser voluntário, continuava sendo iniciativa dos primeiros sócios ou da diretoria. Os outros eram meros compradores, limitados a um exercício de consumo, sem oferecerem nenhuma ajuda ou contribuição. Todo trabalho de contatos comerciais, pesagem, embalagem, contabilidade e atendimento, era feito pelo grupo diretivo. Na opinião de Suela, o restante dos associados não estava imbuído com o espírito cooperativista. Acusados de centralização, os oito diretores estavam desgastados com o excesso de trabalho e a quase ausência de cooperação das pessoas. Talvez, exageradamente rígidos na sua filosofia de vida, eles cobraram demais de pessoas que nunca vivenciaram uma prática cooperativista. " Não podemos fazer da nossa maneira de ver e viver o mundo uma religião. Ninguém pode obrigar os outros a acreditar naquilo em que acreditamos." diz Sergio Boeira. Liderar um grupo de pessoas sem conscientizá-las dos objetivos parecia ser o grande empecilho para a participação dos sócios.

Para isso, ainda em julho, a diretoria convocou a todos para uma assembléia extraordinária. Com a participação da maioria dos sócios, foram discutidos os princípios que norteiam o ideal cooperativista. As discussões foram orientadas por Eli Lino de Jesus que também sugeriu a formação de um grupo permanente de estudos e divulgação do ideário cooperativista. Outras deliberações foram tomadas em relação ao que vinha acontecendo. Entre elas, a fixação das taxas de pagamento, variáveis e baseadas em ORTN. O estatuto elaborado é apresentado e aprovado por unanimidade.

Nessa pequena constituição que só poderia ser mudada pelo conselho de diretores, fica determinado que todo sócio seria excluído caso revendesse a mercadoria. Além disso foi regulamentado que todo investimento será devolvido com juros e correção monetária ao sócio que quisesse se desligar. Todos teriam o mesmo poder de decisão e o mesmo peso na hora da votação. Assim, a cada ano a diretoria seria renovada e o trabalho de cada gerente seria remunerado através de cotas ou maior poder de compra de alimentos. Independente das virtudes dos estatutos, a cooperativa que funcionava há seis meses num porão, /

precisava de uma nova sede. Um dos sócios fala de uma casa para alugar na rua Crispim Mira, no centro da cidade. Logo após esta assembléia a associação passa a funcionar nessa ampla casa, com quintal e mais de nove peças. "Era o que faltava. Era o espaço e a oxigenação que a Co- labore necessitava!" diz Eli Lino.

#### A dissolução da primeira diretoria

Ainda nesta assembléia o conselho, admitindo estar desgastado com o imobilismo do corpo de associados, decide apressar a escolha de uma nova diretoria. Frequentemente acusados de centralizar decisões, decidem abandonar qualquer cargo de direção, ficando como simples associados. Eli Lino de Jesus vai para o Rio De Janeiro fazer mestrado em Agronomia, Caldeira tem negócios particulares, enquanto Bonanomi / prefere se dedicar ao seu curso de Economia na UFSC. Devido aos constantes desentendimentos e a ausência de cooperação, o clima era de insatisfação em relação a velha diretoria. " Os valores pelo qual tanto lutamos não foram entendidos pelas pessoas. Havia um descrédito no / que diz respeito ao sucesso e futuro da cooperativa, e isso se refletia na ausência de interesse dos associados." diz Suela.

A partir daí, a direção da cooperativa fica nas mãos de Mário Takemica que nem associado era. "Ele segurou as pontas por mais de / três meses, até que as coisas se acalmassem. Ele sempre estava por lá e apesar de identificar-se com a nossa proposta não se associou", diz Ricardo Levi um dos sócios na época. No final do ano de 1983, Beatriz Laus e Rafael Ratmann ambos universitários, assumem os únicos cargos de direção, até a convocação de uma assembléia, onde seria definido o novo conselho administrativo. Durante o final desse ano e os primeiros meses de 1984 eles foram desde gerentes, vendedores e facheiros, numa associação cooperativista que ainda funcionava como um armazém de bairro.

Em abril uma nova assembléia reúne boa parte dos sócios. Nela / são apresentadas duas novas propostas como alternativas para melhorar a situação da cooperativa. A primeira previa a transformação da associação em loja-empório sem muita diferença de uma casa comercial. A outra objetivava a conscientização a longo prazo do corpo de associados mantendo o ideal cooperativista e o itinerário do projeto original. Como haviam dois grupos especulando sobre o futuro da cooperativa uma eleição é sugerida. Assim acontece uma votação para que fosse decidido qual o caminho a ser seguido dali por diante.

Com a vitória da opção "conscientização com prazo" ficam também escolhidos os novos diretores. Para gerente a escolha recaí em Javier Pizarro, natural do Chile e cursando Jornalismo na UFSC. Javier era /

um dos poucos com alguma experiência em cooperativismo e movimentos alternativos, além de participar desde o começo de formação da cooperativa. Sua proposta era descentralizar administrativamente, minimizando o excesso de burocracia. Esperava com isso criar o máximo de espontaneidade na relação entre os sócios e a gerência. Por detrás de tudo isso, a nova diretoria objetivava gerar uma melhor saúde física, política e mental através de uma boa alimentação e atividades sistemáticas na área cultural. "O socialismo e o naturalismo são a mesma coisa. O socialista vai aprender que na prática sua filosofia e o naturalismo são iguais", diz Javier justificando o casamento de idéias. Para ele, a cooperativa representava uma saída ou uma brecha do sistema. "Uma ponte para outros movimentos". Para comprovar isso eles teriam um ano. Estavam em agosto de 1984 e até agosto do ano seguinte seriam os guias do processo.

### A eufórica segunda diretoria

Em menos de dois meses as mudanças pretendidas por Javier já eram bem visíveis. A cooperativa que sempre funcionou num só dia da semana passou a abrir todos os dias. Com isso o movimento e a provável confraternização entre os sócios se tornaram comuns nos finais de tarde. "Passamos a abrir todos os dias e a variedade de mercadorias aumentou, pois não se pode viver somente do trigo, do arroz, da aveia. É preciso ter um doce, uma bala. Não podemos ser radicais", justifica Javier. Para ele os quitutes, o artesanato e as roupas subsidiariam os preços dos produtos básicos. Mas para alguns houve excessos na aquisição de mercadorias. "Muitas vezes eu ia até lá para comprar aveia ou arroz e não encontrava", diz um dos sócios. Ainda assim o corpo de associados chegou rapidamente ao número 100. Um salto muito alto para a desestruturada associação. "As portas estavam abertas a todos sem nenhuma discriminação ou mesquinha", defende-se Javier. Neste período eram comuns os cursos de ioga, de astrologia ou culinária macrobiótica, fazendo da casa um eterno ponto de encontro.

Mas casa cheia não significava competência nem tampouco êxito administrativo. Aos olhos mais críticos, a Coolabore ainda carecia de maior tino empresarial. O crescimento repentino, apesar de promissor, não estava sendo bem conduzido. Com mais de 170 associados em abril de 1985, a cooperativa não pagava seus empregados. Apenas o gerente era remunerado. Isso tudo era agravado pela falta de cooperação das pessoas. Assim o trabalho que mantinha o projeto era voluntário e de alguns poucos. Desta maneira, a situação era quase insustentável. O resultado não poderia ter sido pior segundo Antonio Bonanomi, ex-gerente. "Não há

havia ordem na contabilidade , péssima higiene dos padeiros e na cozinha e ainda por cima o atendimento era ruim". Nas reuniões marcadas entre a direção e sócios, a participação era mínima e geralmente nada se decidia. "Todos davam palpites ,sem conhecer a realidade , sem participarem, sem conhecer os problemas que enfrentávamos", explica Javier. Havia uma enorme distância entre quem trabalhava e quem decidia. Sem liderança e sem um verdadeiro comando e desorganizada como empresa, a cooperativa mais parecia uma torre de babel. Todos falavam várias línguas e ninguém se entendia.

Os pretensos cooperativados permaneciam como consumidores enquanto na diretoria prevalecia mais o ego e as discussões fáceis do que o bom senso e a inteligência. Muitas eram as vozes discordantes da administração de Javier, mas sem apontar soluções concretas. Javier, apesar de bem intencionado deu um salto maior que a perna e agora estava cercado de críticas e rara cooperação. " Havia muita rixa e cada um queria puxar a lenha para sua sardinha. Eram mesquinhos e censuradores por não terem uma visão geral do processo. Ninguém sabia o que acontecia ,nem ajudavam e viviam dando palpite", explica. Tudo estava agravado pela confusão na contabilidade. " Não havia controle algum sobre a saída e entrada de mercadoria. Cada um comia o que quisesse .Comiam sem pagar e nada era anotado ou contabilizado. Não que eu agora quisesse impedir que alguém com fome comesse alguma coisa, mas tira dali , tira daqui, acaba dando prejuízo no final ", acusa Bonamomi. "No universo tudo é ordem e serviço, e na cooperativa não havia nada disso", conclui.

Comercialmente a associação continuava com lucros baixos e sem ter ampliado seu campo de ação. "Sonhávamos demais e nos distanciamos da realidade ", diz Sérgio Becker. Faltava ordem em tudo e o clima era demasiadamente festivo. O próprio registro dos novos associados era um exemplo claro da ingenuidade empresarial da diretoria. Os dados eram incompletos e muitas vezes nem o endereço da pessoa era anotado. Os mais antigos na sua maioria não estavam em dia com as taxas , enquanto novas propostas eram ignoradas .Para piorar em junho de 1985 as dívidas com os fornecedores somavam o total de seis milhões de cruzados antigos. Um bom dinheiro na época. Mesmo comprovadamente com um estoque de igual valor os prazos de pagamento foram ampliados pelos credores. Isto só foi possível graças a Sérgio Becker que também era empresário e cedeu o CGC de sua empresa particular para facilitar os contatos comerciais da cooperativa. Por fim acabou quase processado pelo atraso de pagamento e afastou-se de tudo.

No entender de Antônio Bonamomi a cooperativa cresceu demais / sem ter estrutura para isso. "Eu hesitava em levar gente de bem para lá,

Haviam muitos cabeludos , mal vestidos. Alguns moravam ali mesmo e muitas vezes fumavam maconha dentro da casa.Ora ali não era um albergue". Javier contrapõe dizendo que muita gente que entrou com a sua abertura quis derubá-lo depois."Essa gente não sabe se relacionar. São todos uns neuróticos , pois brigam por um pedaço de pão .Se eu posso dar de comer a alguém que tem fome eu não hesito em dar um prato de comida.Eles não gostavam di disso ,São mesquinhos ,vivem anotando tudo e nunca vão passar da esquina", defende-se. Juridicamente clandestina , empresarialmente desordenada e / cheia de dívidas a cooperativa Coolabore parecia chegar ao fim da linha.

Em outubro de 1985 a gestão da segunda diretoria chegava ao fim. Todos os associados são convocados para uma assembléia onde seriam definidos os rumos da associação. O encontro foi realizado na Casa da Cultura e contou com a presença de uns poucos sócios. Ricardo Levi membro do / conselho é quem comanda os debates .Ele pede sugestões e recomenda a venda de todo o estoque e de um recomeço. Com a rejeição da idéia Levi enaltece a necessidade imediata de formação de um novo estatuto que fosse mais rígido e explicasse os deveres e direitos dos sócios dentro da ótica cooperativista.Sobram propostas mas faltavam pessoas dispostas a assumir uma cooperativa a margem da falência .Ninguém ousava trabalhar apenas por idealismo. Com isso, Levi assume o cargo de gerente-presidente / encabeçando o novo conselho diretivo.Disposto a enfrentar o desafio,ele pede aos presentes a confirmação de um fiador para garantir os contatos comerciais.Ninguém se manifestou.Era o sinal de que o descrédito e falta de fé tomavam conta de todos . Era preciso passar por cima dos velhos erros, tentar arrumar a casa e motivar mais de duzentos sócios que sempre estiveram a margem do processo. Ricardo Levi tinha um ano para reverter / a ordem desfavorável e ressuscitar as idéias do projeto original.

#### Organizar ou falir.

Encabeçada por Levi a nova diretoria tinha dois grandes problemas O primeiro era a obrigação de reorganizar as contas de uma cooperativa à deriva, com seis milhões de cruzeiros de dívidas e numa total desordem administrativa.O segundo problema estava na sua oficialização , visto que qualquer intervenção jurídica conduziria ao seu fechamento.Sem CGC ou algum documento que formalizasse a sua legalidade , a associação era uma / instituição fantasma sem existência comprovada e próxima do fim, sem nunca ter existido. Uma contradição no mínimo constrangedora para os seus quatro anos de vida. Além desses problemas formais, Levi tinha que motivar / mais de duzentos sócios que até aquele momento eram meros expectadores do processo.

Naturalmente, Ricardo Levi sempre esteve envolvido com experien-



Natural de São Paulo , Levi sempre esteve envolvido com experiências semelhantes. "Por morar sozinho , aprendi a cozinhar e desde essa época visitava entrepostos de comida natural.Com isso aprendi bastante desse comércio, o que me ajuda muito hoje na Coolabore"dizia.Em 1982 chegou em Florianópolis e ao saber da existência de uma cooperativa naturalista resolveu conhecê-la , tornando-se mais tarde um dos sócios."Quando cheguei percebi que as pessoas que comandavam não explicavam aos sócios o sentido e a proposta de cooperativismo.Ninguém sabia porque estavam todos juntos", salientou.Se o problema contábil e jurídico era uma pedra descomunal no caminho da cooperativa , a mobilização ou não dos associados era na verdade a sentença de vida ou de morte da associação.

Entretanto para Ricardo os erros do passado justificavam os acertos do presente."Havia muito idealismo e fantasia nos fundadores.Eram apenas alguns sócios consumidores e líderes sem experiência administrativa, que nunca comunicaram o sentido do ideal cooperativista", argumenta, Sua proposta era partir de uma administração ética criando condições estruturais para que as velhas idéias se concretizassem ." A reforma do governo veio em boa hora.Não há melhor hora para produzir", dizia otimista em abril de 1986.

Ricardo acrescenta que as pessoas decidiriam se a cooperativa ia mais adiante ou não."A diretoria vai investir naquilo que as pessoas quiserem .O ideal é que a cooperativa sirva à comunidade e aproxime quem produz de quem consome, numa luta conjunta contra a exploração.Uma exploração que começa com a desinformação do colono."O agricultor teve todo o seu conhecimento deformado pelo que ensinou a Agronomia .Ele conhece a semente e a chave da terra para que o alimento cresça como deve, mas ensina a fam que o melhor é adubar quimicamente ; o que mata a vida na terra.Assim nosso objetivo é orientar o produtor , incentivando para que ele cultive sem pesticidas. Desta maneira vamos poder deselitizar o alimento natural e até gente de morro vai ter arroz integral no futuro",dizia Levi.Para apresentar essas propostas é feita uma convocação dos sócios para uma assembléia geral para abril/86.Ainda que com pouca participação os objetivos são por unanimidade aceitos por todos.Estava sendo aberto um novo caminho, uma nova perspectiva de ação.

#### A dinâmica terceira diretoria

Depois dessa assembléia uma das primeiras providências tomadas pela nova diretoria foi legalizar juridicamente a cooperativa.Com CGC e a parcial legalização, parte da estrutura pensada por Ricardo Levi estava se desenhando.Continuava-se no entanto com a expectativa de aproximação dos sócios

sócios." A participação das pessoas é livre e cada um pode fazer o que quer. Elas podem trabalhar voluntariamente ou simplesmente comprar. Pode-se ajudar na horta nos fundos da casa, fazer pães, comida ou mesmo ir ao banco ou ajudar na contabilidade ou contatos comerciais", explica. Em relação ao grupo que lidera Levi acredita que eles devem dar as idéias, definir as estratégias de ação, sem deixar de dar o exemplo de dedicação e força de trabalho. Parcialmente definida, a plataforma de ação da nova diretoria, não era nenhuma novidade, apenas primava pela ordem e definição dos objetivos.

Embora encaminhando-se para a estabilização comercial e jurídica a associação Coolabore permanecia desconhecida em Florianópolis. "Por isso estamos nos fortalecendo para depois nos apresentarmos na tv, no rádio e jornais", justifica Levi. Estavam em agosto de 1986 e funcionando sem excessos de dívidas, a cooperativa navegava em bons ventos. Uma calma e estabilidade que refletia na opinião dos sócios. "O Ricardo tem acertado e sempre teve muita vontade de salvar a cooperativa e graças a isso ele mudou tudo para melhor", diz Sérgio Becker. "O Levi tem acertado por nossos erros. Ele deu sentido empresarial a cooperativa", acrescenta Suela Aires. Mais realista, Antonio Bonanomi, pensa diferente. "Apesar do esforço ele estabilizou a cooperativa e pôs um pouco de ordem, mas para mim ela nunca saiu do lugar". Uma opinião que condizia com o pouco alcance do projeto, pois além dos contatos comerciais o único contato da Coolabore com a comunidade se deu através do MEL (Movimento Ecológico Livre) e uma palestra de Ricardo Levi sobre cooperativismo e auto gestão na UFSC. Com mais de quatro anos de vida e aparentemente sem muitos problemas continuava uma ilha de sócios e distante da comunidade.

Independente da estabilidade e o pagamento da maioria das dívidas e contando formalmente com 245 associados precisava-se apenas de uma engrenagem para que funcionasse como cooperativa: a participação dos associados. Devido estar localizada no centro muitos deles não participavam das reuniões pois geralmente moravam fora da zona urbana. Um significativo problema que dificultava e impedia a integração entre os sócios. Era uma justificativa que na verdade não explicava a ausência da maioria das pessoas.

Acrescentando a melhoria da qualidade dos alimentos e a promoção frequente de cursos e debates, tudo permanecia como dantes na terra de Abrantes. Os associados continuavam aparte de tudo sem dar mostras de credibilidade ou participação. Os poucos que davam as caras eram meros compradores sem distinção de um habitual frequentador de supermercado. Do total de sócios menos de trinta poderiam ser chamados de cooperativados. O trabalho que deveria ser de todos era de total incumbência da diretoria. O pagamento das taxas estava atrasado e apesar da estabilidade comercial a cooperativa nunca teve um bom capital para um razoável investimento.

Proximo do final do ano, a realidade prática da Coolabore, era no mínimo promissora. Havia uma padaria onde diariamente eram produzidos cerca de trinta pães de trigo e de milho, vendidos durante a tarde. O artesanato e os quitutes caseiros ainda tinham o seu lugar reservado. Eram comuns as visitas de doceiros, a venda de bolos e pizzas. Tudo obedecendo um rigoroso critério de qualidade. O restante dos produtos eram comprados da Macro-Brasil ou trazidos do interior do estado ou da ilha, como acontecia com a mel, verduras e legumes. Outro benefício incluído era a redução dos custos com médicos, dentistas, acupunturistas, homeopatas, psicólogos e massagistas, todos associados também. O convênio acabou sendo esquecido por ter sido pouco usado não passando de mais de uma das cláusulas dos estatutos. Mesmo com essa riqueza de opções o retorno era pequeno. Estabilizada como empresa mas longe de ser verdadeiramente uma cooperativa, havia urgência em motivar os associados antes que o marasmo e o imobilismo tomasssem o lugar do ideal que gradativamente se perdia. Para evitar isso, Levi elabora uma nova proposta de ação para a próxima diretoria. O final do ano se aproximava assim como o final da gestão de Ricardo Levi que até ali não havia medido esforços para salvar a cooperativa.

Encerrado o ano de 86 houve um superávit comercial que representava um auspicioso ano de 1987. No próprio boletim de Natal divulgados sócios predominava um certo otimismo em relação a nova gerência e futuro da associação. Para evitar o fechamento no verão foi estabelecido um comite provisório que manteria a cooperativa funcionando durante as férias, até a convocação de uma assembleia e a eleição de uma outra diretoria. Acabava a administração de Ricardo Levi e dali por diante o destino da Coolabore era uma incógnita.

#### A dissolução da cooperativa

Em março de 1987 o aluguel da casa onde ficava a cooperativa sofre um reajuste acima do previsto tornando impossível para a diretoria manter o contrato ou permanecer no local. "Logo que alugamos a casa, nós prometemos que ela seria pintada e arrumada, em troca de um aluguel baixo. Mas nunca conseguimos reunir um grupo de pessoas para fazer isso. Assim moralmente não poderíamos impor condições à dona da casa e impedir o aumento", explica Levi. Além disso a proprietária não quis renovar o contrato com a cooperativa e isso tornava a situação insustentável. Sem o amparo do corpo de associados e com reduzidos recursos materiais o conselho decidiu convocar uma assembleia geral extraordinária para abril. Nela seriam decididos quais os rumos que iria-se tomar.

Nesta assembleia poucos são os participantes e em função disso e do escasso interesse dos sócios não resta outra saída. Mesmo apresentadas todas as possíveis

têdas as propostas para a permanência da associação o fechamento era inevitável. Levi mostra toda contabilidade e por fim divulga todas as justificativas e causas da falência da cooperativa num histórico dividido em 21 itens. No documento são apresentadas também as lições e reflexões tiradas da experiência. Admitindo que os problemas que se apresentavam eram humana e materialmente impossíveis de serem resolvidos, Levi aponta o esvaziamento e ausência dos associados como a causa principal para o fechamento da cooperativa. "A cada nova idéia de quem estava na diretoria os sócios respondiam com total indiferença e nem se interessavam em saber a fundo do que se tratava", diz Levi. Paralelamente a isso a precariedade jurídica, fiscal, e administrativa, tanto quanto ao reduzido capital de giro e o exorbitante reajuste do aluguel da casa foram a gota d'água. Sem outra alternativa Levi expõe toda a contabilidade, e contas e pede alguma sugestão quanto ao estoque a um pequeno capital em caixa.

### O fim do sonho?...

Concluía-se naquela assembléia uma história de quase cinco anos de lutas e sonhos. Uma história definida por Sérgio Boeira, um dos últimos diretores, como a experiência mais forte e autêntica de auto-eco-organização social que aconteceu em Florianópolis. Para ele uma saudável e inegável tentativa de fugir do mercado e do consumismo que não significou o fim do sonho mas sim o começo de uma nova era. "Não acredito que qualquer proposta de sociedade não passe por experiências como a Coolabore!" Ele acredita que os motivos que levaram ao seu fechamento foram muitos, desde a falta de ônibus que facilitasse o acesso ao centro da cidade de, o que impedia que muitos sócios viessem as reuniões, à ausência de divulgação à comunidade. "Eu mesmo só vinha comprar na Coolabore porque tinha carrê já que morava em Barreiros. Veja que, quem mora no centro está cada vez mais ameaçado de ter de ir para os bairros pelo aumento dos aluguéis e isso foi uma das causas para o fracasso da cooperativa", acrescenta Boeira argumenta que as pessoas que moram no centro tem dinheiro e não lhes interessa auto-gestão ou cooperativismo pois é mais fácil ir no supermercado e comprar tudo pronto. "Não foi a cooperativa que faliu, foi o capitalismo que venceu. Foi a consciência mercantil da sociedade que venceu", elucida.

Para Levi as lições foram muitas e devem servir para um recomeço. "Ainda acredito no resurgimento da cooperativa através de um convênio com a UFSC. Num trabalho conjunto." Ricardo justifica o fim da associação com a incapacidade do grupo diretivo de unir teoria e prática. "Faltou uma verdadeira organização jurídica e empresarial, além de maturidade política e consciência ecológica das pessoas". Para Sérgio Boeira isso ficava bem definido na auto-exploração por que passavam os empregados da coope

rativa ganhando uma miséria para trabalhar. "É preciso crescer materialmente também e não só espiritualmente. Ninguém pode viver com a contradição de ter um alimento de qualidade na mesa e não ter dinheiro para o ônibus", ironiza. Outro ponto citado por ele foi a fragilidade de organização das pessoas. "Existe uma imaturidade da população em se organizar. Essa incapacidade de associar-se é uma tradição no Brasil. Somente a direita e a esquerda se unem mas o povo é sempre marginalizado e manipulado", diz. Na cooperativa segundo Boeira toda organização era vista como excesso de burocracia. "Havia muita desconfiança do governo, do estado das leis e qualquer formalidade era vista como tentativa de controle", acrescenta.

Mesmo com CGC, alvará sanitário e toda documentação legalizada, toda contabilidade estava por fazer. "Eu não poderia ir a público e falar que havia uma pioneira cooperativa funcionando na cidade. Poderia atrair a fiscalização e ter de fechá-la", diz Ricardo Levi. "A diretoria precisava de um contador e de um administrador mas não tinha como pagá-los e aí o círculo se fechava", explica. Mas para Sérgio Boeira o risco maior não estava na intervenção fiscal mas na possibilidade de falência da cooperativa. "Estávamos isolados da comunidade e bem no centro. Faltou divulgação da cooperativa e isso foi um dos erros que levaram a falência e dissolução do projeto", finaliza.

Boeira acredita que outra causa para o fracasso foi a ausência de produção. "Eu participei da cooperativa Colméia em Porto Alegre que era o modelo da Coolabore e eles produziam parte do vendiam e isso representava uma saída no mercado. Uma imprescindível condição para quem sonha com uma associação naturalista num estado onde metade dos agricultores estão contaminados com agrotóxicos", acrescenta. Para Boeira a inexistência de um terreno ou de um carro impediam qualquer iniciativa. Mesmo tendo recorrido ao PT, a diretoria enfrentou o preconceito ideológico e político. "Numa plenária do PT em 1986, o candidato a deputado estadual Daniel Silva apresentou e pediu apoio para a cooperativa, mas eles não se interessaram, a não ser que envolvesse o operariado. Para o PT as cooperativas só devem surgir a partir da tomada do poder pela classe operária. Isso é ridículo pois imagine que esperar por isso é ser materialista; o que vem de encontro a proposta espiritualista da Coolabore",

Ainda em novembro deste ano Levi recordava a experiência na cooperativa. "Foi meu maior projeto. Foi o que de melhor eu fiz na vida até hoje. Uma declaração coerente pois a associação Coolabore, pode-se dizer, foi a mais forte experiência de auto-gestão surgida no estado, depois da efervescência dos anos sessenta. Uma ousada ideia que esbarrou

na engenhosa consciência capitalista e mercantil de cada cidadão. Uma o-  
sada tentativa de resgatar a prática do cooperativismo e promover o es-  
pírito pacifista e a camaradagem entre os homens. Um espaço alternativo  
onde o verbo cooperar era a verdadeira lei, sem imposições ou castigos.  
Um sonho que foi resumido num dos boletins de fim de ano divulgado a to-  
dos os associados." Enquanto todos perambulam, anônimos consumidores no  
mercado da ilusão, sem saberem nem mesmo em que acreditam, plantare-  
mos juntos a semente da nova era. Um devaneio quem sabe, mas que foi vi-  
vido numa ilha do sul do mundo." Vivemos um projeto utópico e ainda acre-  
ditamos nele ", diz Sérgio Boeira com um sorriso na rosto.

## Relatório

A idéia de realizar uma grande reportagem sobre a cooperativa / Coolabore nasceu em 1985, e foi definida e aprovada como trabalho de conclusão de curso no final daquele ano, na disciplina Técnica de Projetos Experimentais. Aliada a simpatia pessoal por movimentos alternativos fui durante dois anos associado da cooperativa, o que facilitou contatos e entrevistas. A princípio pensei em fazer um audio-visual descrevendo, resumidamente, o funcionamento e as ambições de um grupo de pessoas que sonhavam com uma cooperativa auto-gerida. Mas refletindo melhor sobre as necessidades imediatas da profissão, decidi-me por uma grande reportagem. O que me foi de grande valia.

Durante o primeiro semestre de 1986 passei a coletar informações e dados através de entrevistas com pessoas envolvidas com a cooperativa. De posse deste material redigi aquela que seria a primeira estrutura para a grande reportagem. Em meados de maio apresentei-a para a orientadora Aglair Bernardo. Mesmo rico e denso em informações o "rascunho experimental" do trabalho, não foi aprovado pela orientadora que sugeriu uma revisão do texto. Em decorrência da precariedade e amadorismo do que foi apresentado e ao reduzido espaço de tempo para concluí-lo, pedi conceito I na disciplina. Além disso jornalisticamente eu me sentia despreparado e consequentemente com perspectivas profissionais limitadas. A necessidade de fazer um bom trabalho de conclusão de curso era o melhor estímulo para enfrentar a vida profissional.

No segundo semestre de 1986 estive matriculado apenas em Projetos Experimentais, visto que não me foi concedida a disciplina COM 1204. Isso me obrigou a atrasar minha colação de grau em pelo menos um semestre. Como previa os estatutos da universidade, o aluno formando deverá ter obrigatoriamente todas as disciplinas que lhe faltam para a conclusão de seu curso, no último semestre. Para me fechar o currículo só me faltavam o projeto e essa disciplina. Entretanto ela não me foi concedida numa atitude que jamais entendi. Também não fui o único formando prejudicado. Desmotivado não somente por isso mas por questões pessoais não cumpri o mínimo necessário e pedi conceito E.

Em abril deste ano passei por minha primeira experiência profissional no jornal "A Notícia". Nesse período fui repórter de polícia, o que objetivamente me ajudou muito na feitura do projeto. Ironicamente devido a dedicação ao emprego, não pude novamente concluí-lo. O material recolhido em mais de dez entrevistas estava desatualizado e havia urgência em terminá-lo e naturalmente atualizá-lo. Paralelamente a isso a cooperativa Coolabore passava por um de seus momentos mais críticos e quase beirava a falência. Mesmo matriculado, optei novamente pelo conceito E, o que foi aceito pacientemente pela minha orientadora.

Finalmente no segundo semestre deste ano pude dedicar corpo e alma a execução e conclusão do trabalho. Sem perder tempo, passei a me encontrar semanalmente com a orientadora para definir os reajustes e a possível atualização do tema proposto. Em abril coincidentemente a Coolabore fechava suas portas. Era a falência do projeto, o que me levou a incluir na pauta algumas reflexões sobre a história que acabava. Conseqüentemente meu trabalho teria um começo, meio e fim, como uma história contada. Sem abandonar a velha estrutura pensada ano passado, fiz a revisão do texto com a ajuda e orientação da professora Aglair, e incluí novas entrevistas com os últimos diretores da associação sobre lições e reflexões tiradas da experiência. Fechado o círculo, redigi o texto final, o que não custou o esforço esperado. Revisado e aprovado pela orientadora passei a titulação da material e ordenei em capítulos para facilitar a apresentação.

Concretamente posso afirmar que a maioria dos objetivos propostos foram alcançados. Objetivos esses traçados detalhadamente pela orientadora cuja assessoria foi verdadeiramente estimulante, pois além de compartilharmos simpatias em relação a experiência Coolabore pude experimentar pela primeira vez no curso total liberdade de discurso jornalístico. É claro, sem ferir a beleza da redação e a objetividade do texto. Soma-se a isso o fato de estarmos envolvidos com a idéia do projeto há mais de dois anos e isso também contou para o bom andamento do trabalho. Em síntese a história rolou como água sem precisar de filtro ou de puramento.

Embora antecipando algumas conclusões precárias sobre a experiência vivenciada pela cooperativa Coolabore, creio que meu trabalho possa ser utilizado e desmembrado em formas mais intensivas e aprofundadas por interessados, ou pessoas que acreditem na possibilidade de subversão das estruturas sociais, que oprimem e trazem a ameaça de rompimento de continuidade da espécie. Fica aqui apenas o rascunho de uma possibilidade ou de um sonho. O esforço pessoal para registrá-lo, aqui, finalmente acabou. Espero entretanto que o esforço por um futuro melhor este já apenas começando.